

## Escrita de Eros e Tânatos no teatro de Antônio Patrício

### Writing of Eros and Thanatos in the Antônio Patrício's theater

**Roberto Nunes Bittencourt**  
Doutorando em Letras Vernáculas - UFRJ

**Resumo:** Este trabalho faz uma leitura de três textos dramáticos de Antônio Patrício: *Pedro, o Cru* (1918), *Dinis e Isabel* (1919) e *D. João e a Máscara* (1924). Nas três obras, é analisado e discutido o processo de escrita do autor, sendo a relação tensa e densa entre morte e vida o fio condutor da leitura. O que se escreve no teatro de Antônio Patrício é o tema da morte, numa confluência erótica com a própria vida, sendo aquela, sobretudo, uma afirmação desta. A escolha deste fio condutor deve-se ao fato de que nas três obras em análise se condensa uma problemática que ecoa no conjunto da obra de Antônio Patrício.

Palavras-chave: Antônio Patrício; Erotismo; Morte

**Abstrac:** This work makes a Recital of three Antônio Patrício's dramatic texts: *Pedro, o Cru* (1918), *Dinis e Isabel* (1919) and *D. João e a Máscara* (1924). In this three literary compositions, it's analyzed and discussed the author's writing process, being a tense relation and dense between life and death, the conductor wire of the reading. The Death it's the dramatic reading of Antônio Patrício, in a erotic confluence with the life itself, being that's, after all, an affirmation of this. The choice of this conductor wire it's based on the fact that in the three literary in analisys condenses itself in a problematic that echoes in the context of the literary.

Keywords: Antônio Patrício; Erotism; Death

– Morte! És pra mim o sal da vida...  
(PATRÍCIO, 1995, p. 128)

A epígrafe que abre este artigo aponta, desde o início, para uma proposta de leitura de *Pedro, o Cru* (1918), *Dinis e Isabel* (1919) e *D. João e a Máscara* (1924), obras do escritor português Antônio Patrício<sup>1</sup>. Em cada um dos textos dramáticos, o que se discute é a

---

<sup>1</sup> Poeta, contista e dramaturgo, a atividade literária de Antônio Patrício se inicia com a publicação de *Oceano* (1905). Após este trabalho dedicado à poesia, publicou o texto dramático *O Fim*, “história dramática” em 2 quadros (1909), e o livro de contos *Serão Inquieto* (1910). Escreveu, ainda, os textos dramáticos *Pedro, o Cru*, drama em 4 atos (1918), *Dinis e Isabel*, “conto de Primavera” em 5 atos (1919), *D. João e a máscara*, “uma fábula trágica” em 3 atos (1924) e *Judas*, ato único (1924), além da edição

relação tensa e densa entre morte e vida. No processo de enunciação, na materialidade do texto literário, constrói-se uma tessitura erótico-verbal em que a cena amorosa passa, invariavelmente, pela morte. A tensão entre Eros e Tântatos é encontrada no choque entre a paixão de viver e a busca pela transcendência, que condena esta mesma paixão.

Cada texto dramático funciona por si só e em si só, explicando-se no interior do tecido textual. O que se quer dizer com isso é que, ainda que o referencial sejam figuras históricas, como Pedro, Inês de Castro, D. Dinis, Isabel de Aragão ou D. João, o que se inscreve nos textos dramáticos é aquilo que pode haver de mais universal: a relação tensa e densa numa forma de perceber os laços tênues entre vida e morte. Seja em *Pedro, o Cru*, em *Dinis e Isabel* ou mesmo em *D. João e a Máscara* a cena de morte está intrinsecamente relacionada a uma cena erótica.

Tal perspectiva leva ao pensamento de Denis de Rougemont que, em seu célebre estudo a respeito do amor no Ocidente, categoricamente afirma que “Eros se escraviza à morte porque quer exaltar a vida acima de nossa condição finita e limitada de criaturas” (ROUGEMENONT, 1988, p. 256). O que se percebe na obra de Patrício em questão é que a vida humana, mesmo que marcada pelo processo de transformação inerente ao devir e pela condição de finitude, ela assim mesmo é plenamente digna de ser vivida na sua máxima intensidade. Patrício realizou uma “tragédia íntima” cuja efabulação afasta-se do real, porque se centra no mito e integra personagens que perseguem sombras. Como destaca Armando Nascimento Rosa:

Em *Pedro, o Cru*, Inês morta é a Eurídice que Orfeu Pedro pretende impossivelmente trazer de volta do Hades. Em *Dinis e Isabel*, a morte de Isabel [...] faz de Dinis um revoltado Orfeu que entrevê o rosto do plutônico usurpador na figura invisível do Deus judaico-cristão. [...] Em *D. João e a Máscara*, o

---

póstuma de suas *Poesias* (1942) e a edição da *Poesia Completa* (1980), e de ter colaborado em publicações como *A Águia* e *Atlântida*. Deixou incompletos os textos dramáticos *Teodora, o sonho numa noite de Bisâncio*, *A Paixão de Mestre Afonso Domingues*, drama histórico em 3 atos, *Auto dos Reis ou da Estrela e Rei de Sempre*, “tragédia nossa” em 5 atos.

protagonista descortina que sempre dentro de si esteve aquela que ele ama fundamentalmente: a Morte. (ROSA, 2003, p. 173)

Como obra literária, os textos dramáticos de Antônio Patrício eternizam no presente textual perdas irremediáveis: Pedro não pode ter Inês, porque é morta; o milagre das rosas, que inscreve Isabel na santidade, revela-lhe, e também ao seu amado Dinis, que viver não é mais possível; D. João, para quem o prazer dos corpos femininos já não é bastante, encontra na Morte a sua realização. A garantia após a morte é a vida como texto. E o que o texto garante, para além dessa presença, é morrer outra vez. Escreve-se sobre a vida ao se falar da morte; e vice-versa. Antônio Patrício deixa todos os outros temas de lado e trata obsessivamente o confronto do ideal de vida do homem com potências superiores, da qual a morte é maior antagonista.<sup>2</sup>

A conjugação de Eros e Tânatos vem escrever a impossibilidade de consumação do amor no espaço da vida, marcada pelo conflito entre o amor terrestre, sensual e o amor puro, celeste. Só na morte, portanto, seria possível a plenitude. A morte deixa de ser termo último e passa à primeira condição, como fica patente em *Pedro, o Cru*, na fala de Pedro à amada morta: “O nosso amor, amor, ainda era pouco. Só abraçado à morte ele inicia” (PATRÍCIO, 2002, p. 138) ou, também, em *D. João e a Máscara*, na fala de D. João, quando afirma “O meu reino é para além da carne” (PATRÍCIO, 1972, p. 75).

Eros e Tânatos denotam palavras-chave de uma forma de expressar o elixir místico da compreensão e criação da condição humana. É numa ambivalência criativa que rodam os 'sentidos' da tragicidade que envolvem, em Patrício, as figuras de Inês e Pedro, Dinis e Isabel e D. João e a Morte. Se há ao menos duas possibilidades de se trabalhar textualmente o mito – numa dimensão cultural e histórica visando à gnose nacional e noutra dimensão metafísica e trans-histórica, visando à gnose do homem como ser universal – parece ser a essa segunda tendência que Antônio Patrício se aferra. Nos textos em estudo, o paradigma é constituído a partir de

---

<sup>2</sup> A respeito do drama simbolista, escreve Anna Balakian (2007, p. 99-100): “Por que haveria um desejo de superar obstáculos na vida quando a morte, o maior obstáculo, é invencível?”

figuras históricas, mas o que se escreve é, mais que isso, o mito. As personagens de seus textos dramáticos, numa esteira simbolista, circunscrevem-se no ideal universal, trans-histórico.

O trabalho de Antônio Patrício para auscultar a vida buscando decifrar qual é o seu sentido diante da morte, projetará, em sua obra, um ideal metafísico que desvela a essência da vida como a unidade entre o sensual e o espiritual. Suas personagens se sentem, assim, constantemente incompletos em virtude da ausência do outro, que subverte o seu equilíbrio. É o caso de Pedro que, animado por uma obsessiva saudade, quer comungar com Inês as bodas eternas, trazendo-a do mundo dos mortos; também, é o de Isabel, que sente a impotência de sua vontade diante do desejo de renegar a santidade em favor de uma vida terrena; ou, ainda, exemplarmente em D. João, que marcado pelo tédio, anseia fervorosamente uma união erótica com a Morte, transfigurada numa figura feminina.

É possível perceber, portanto, a presença da Morte como *leitmotiv* nos textos dramáticos de Antônio Patrício, configurando-se como figura de repetição, no decurso de sua obra dramática, como tema que envolve significação especial. Aliás, pra dizer como Bataille, para quem o erotismo abre-se à exuberância, ao excesso, à vivência dionisíaca, “o erotismo e a morte se encadeiam como peças de um mesmo instrumento” (BATAILLE, 1988, p. 7).

Assim, na vasta produção artística que envolve os temas do trágico amor de Inês e Pedro, da sedução de D. Juan e da visão paraclética de que Isabel é exemplar, observa-se que, em Antônio Patrício, a inscrição textual do tema Amor-Morte passa pela leitura de figuras mitificadas pelo imaginário ibérico, revelando um certo olhar de Antônio Patrício na leitura dos mitos. No seu “drama da Saudade”, por exemplo, o autor dá largas asas, para além da tradição histórica, aos fabulosos atos fúnebres: o da coroação do cadáver, com o cerimonial do beija-mão e a posição dos túmulos pés contra pés, dando asas às lendas. No “conto de Primavera”, Patrício coloca-se, de fato, como alguém menos preocupado com os acontecimentos históricos, preferindo o motivo das rosas, a taumaturgia da rainha Santa. No prefácio de sua “fábula trágica”, Antônio Patrício fascinado pela figura do sedutor, afirmando que “Tentaram julgá-la, até puni-la. Eu por mim, mais simplesmente, tive de a dizer porque a amei e o meu amor quis exprimir-se em cenas” (PATRÍCIO, 1972, p. 9). O

autor se inspira na história real de Miguel Maraña, que morreu em santidade no convento de La Caridad, mas o que se verifica é que o interesse de Patrício está no sentido de criar personagens mais a partir da matéria mítica do que da tradição histórica. Aliás, nos textos dramáticos de Antônio Patrício não são apenas as personagens referenciais que assumem o primeiro plano, mas a própria transubstanciação da matéria histórica numa dimensão mítica. A presença de figuras mitificadas em seus textos dramáticos reiteram o caráter poético e simbólico que sua obra possui.

A saudade de Pedro é o canto de Orfeu. Se não pode trazer Inês de volta à vida, ressuscitá-la, ele mergulha profundamente no “reino de mistério”, onde, assim crê, pode tê-la em plenitude. Concentrando, portanto, as ações do texto dramático nos desdobramentos da morte de Inês, o que o Pedro de Patrício busca é ressurreição da carne, numa tensão que, no decorrer do texto, se revela: a dialética “morte/vida”, que surge como um obstáculo à resolução da angústia de Pedro, sobretudo gerada pela Saudade, sentimento ao mesmo tempo doloroso e indefinível, que não o deixa sossegar. Em *Dinis e Isabel*, o milagre das rosas, ao mesmo tempo em que inscreve Isabel na santidade, mostra a Dinis que não pode ter sua mulher, ainda que ela também lute contra a manifestação do divino, que se mostra como força inexorável, e a morte vem com o perfume das flores. Patrício contrapõe na figura de Isabel o trágico destino de uma santa que a não quis ser e do homem que a amou. Para o D. João de Patrício, a morte é epifânica, revelando-lhe a impossibilidade de completude em outros corpos, dizendo-lhe, assim, a insaciabilidade, abandonando, assim, o desejo erótico, ou melhor, como “posse do eterno” e transforma esse desejo numa fusão com a Morte.

E será justamente nessa fusão que as personagens de Patrício experimentarão – retomando o pensamento de Gilbert Durand – a *vocação nostálgica do impossível*. Como ressalta o antropólogo, “É talvez essa nostalgia, exprimindo uma esperança desesperada, o significado da famosa ‘saudade’ portuguesa [...] cuja tenaz tradição literária se prolonga no século XX com o ‘saudosismo’ de Teixeira de Pascoas ou de Antônio Patrício” (DURAND, 2008, p. 27). Antônio Patrício, na sua obra, cria personagens que não admitem limitações ao poder de viver, e a arte, ainda que expressão estética da vida – tal como Nietzsche a concebera –, sorvendo os seus dinamismos dessa

mesma vida, se identifica com o indivíduo. Sendo assim, é todo o domínio que a arte possa exercer necessariamente transitório. Da mesma forma como o é o próprio indivíduo.

Suas personagens buscam uma decifração da divindade da vida, privilegiando as loucuras, as paixões, os sonhos. Através de sua afirmação, a vida torna-se justificada. Assim, o que Pedro, Dinis, Isabel e D. João, na criação do texto de Patrício, buscam, é, a partir dessa paixão, não pela vida comum, mas a verdadeira vida, desvelada em plenitude, a vida sublime, é superar a morte. Assim, o desejo erótico é a principal mola impulsora das personagens de Antônio Patrício, esta “aprovação da vida até na própria morte” (BATAILLE, 1988, p. 11), em que se fundem vida e morte.

Assim, em seus textos dramáticos, Antônio Patrício mostra como a escrita literária – ou, noutras palavras, a linguagem enquanto energia criadora e princípio de significação – pode reinventar, não apenas os fatos que a memória recorda, mas também as lendas e os mitos que o imaginário coletivo foi guardando e transformando, ao longo dos séculos. Não é a ação das personagens, nem os seus atos, ou mesmo as circunstâncias de tempo e espaço que interessam à efabulação. Tudo o que cerca suas personagens não se explicam pela materialidade do mundo, mas por uma força que as sobrepaira e que tem, por fim último, como diz Anna Balakian, testemunhar “a natureza fortuita da existência humana aqui na Terra” (BALAKIAN, 2010, p. 104). As personagens de Patrício, portanto, experimentam o núcleo de pura dor do mundo, interagem com o espírito que vivifica todo o universo através do êxtase, como a afirmação trágica de que homem é sempre vencido por forças maiores do que a sua.

Antônio Patrício construiu em seus textos dramáticos uma possibilidade de interpretação dramática que associa ao impulso de destruição do ser amado o sentimento amoroso, entrecruzando, assim, os signos de amor e morte – de Eros e Tântatos. A morte aparece como parte de um processo que visa à conversão da vida em eternidade e plenitude, revelando, uma postura metafísica em seus textos dramáticos, nos quais é possível perceber uma coesão temática em que a essência da vida surge como unidade entre o sensual e o espiritual, num sentimento pleno de vitalidade, na experiência-limite entre a densidade da vida e a luta para superar a morte.

Assim, retomar a epígrafe para a qual a leitura deste artigo se orientou é confirmar a ideia de que António Patrício registra a experiência de criar uma escrita capaz de abarcar de modo pleno a dor e a morte, interpretando a vida como um exercício existencial de criação contínua, na valorização de todas as circunstâncias vitais, pois que a morte nada mais é que “o sal da vida”.

### Referências

BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. Tradução de José Bonifácio A. Caldas. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução de João Bérnard da Costa. Lisboa: Antígona, 1988.

DURAND, Gilbert. *Portugal: Tesouro Oculto da Europa*. Tradução de Lima de Freitas et alli. Lisboa: Ésquilo, 2008.

PATRÍCIO, António. *D. João e a Máscara*. Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1972.

\_\_\_\_\_. *Dinis e Isabel*. Aveiro: Livraria Estante, 1989.

\_\_\_\_\_. *Pedro, o Cru*. Minho: Edições Vercial, 2002.

\_\_\_\_\_. *Serão Inquieto*. Lisboa: Relógio d'Água, 1995.

ROSA, Armando Nascimento. *As máscaras nigromantes: uma leitura do teatro escrito de António Patrício*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.